

SUSANA HELMER

**O SURGIMENTO DAS ESCOLAS DE NATAÇÃO
EM CURITIBA: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES
ENTRE CATEGORIAS DE ANÁLISE E
HISTÓRIA ORAL**

Monografia apresentada como requisito
parcial para a conclusão do Curso de Edu-
cação Física, Setor de Ciências Biológicas,
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. MS — Wanderley Marchi Júnior

CURITIBA
1997

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo apoio e incentivo prestados ao longo de todos estes anos, contribuindo significativamente na minha formação profissional.

AGRADECIMENTOS

Presto minha homenagem especial aos professores Carlos Fernandez e Célio C. Amaral, pelas contribuições que permitiram a realização deste trabalho.

Agradeço ao professor Fernando M. Mezzadri, pelo auxílio na elaboração do projeto de pesquisa.

Ao meu orientador, o professor mestre Wanderley Marchi Jr., pelos ensinamentos e incentivos constantes, transmitidos com atenção e profissionalismo.

A Oldemar Mazzardo Jr., pela dedicação, amor e companheirismo demonstrado ao longo desses anos.

As amigas Jaqueline B. Stachon, Silvana Meira e Romyne Zippin, pelo apoio, carinho e amizade nos momentos mais difíceis.

SUMÁRIO

RESUMO	vi
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	1
1.2 JUSTIFICATIVA	2
1.3 OBJETIVOS	3
2 REVISÃO DE LITERATURA	4
3 METODOLOGIA	11
4 DISCUSSÃO	15
5 CONCLUSÕES	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

RESUMO

O objeto de estudo deste trabalho é a discussão e a compreensão acerca do processo historiográfico da Natação em Curitiba e da transformação desta modalidade em objeto ou bem de consumo. Procura-se demonstrar, portanto, de que maneira ocorreu a mercantilização desta forma de movimento sob uma perspectiva histórica que está ligada, principalmente, ao surgimento de um novo quadro de valores sociais, onde a atividade corporal constitui uma oferta que irá atender à uma determinada demanda social. Para tanto, inicialmente, realizou-se um resgate através de entrevistas com os pioneiros desta prática na cidade. Conjuntamente ao estudo historiográfico, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, tendo como finalidade entender os conceitos envolvidos no processo de evolução histórica e suas possíveis inter relações. Dentre as constatações e conclusões contidas nesta monografia, pode-se considerar como fundamentalmente relevante o fato de que as práticas corporais e o esporte têm sido submetidos a um intenso processo de mercantilização. Dentro deste quadro, percebe-se que a Natação em Curitiba passou a estabelecer uma estreita ligação com a atividade econômica e a constituir um campo de investimento considerável.

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Há no decorrer destes últimos vinte anos em Curitiba uma crescente e expansiva valorização da Natação como esporte e atividade corporal. Com relação a esta questão surge uma pergunta fundamental: como e porque a Natação enquanto esporte e atividade corporal se mercantilizou? Ou então, de que maneira esta modalidade passou a constituir um campo de consumo?

Dentro deste âmbito, é inegável o fato de que a Natação tida como fenômeno esportivo antecedeu o processo de surgimento da Natação em escolas especializadas em Curitiba. Desta forma, surgem algumas questões relacionadas à evolução histórica da Natação na cidade, ou seja, como se deu a passagem da Natação como esporte para a Natação como atividade corporal transformada em objeto de consumo.

1.2 JUSTIFICATIVA

Considera-se importante o fato de que, para compreender de que forma e sob quais circunstâncias ocorreu a passagem da Natação enquanto fenômeno esportivo para a Natação enquanto atividade corporal e bem de consumo, é necessário fazer uma investigação a respeito de sua evolução histórica.

O propósito deste trabalho é justamente reunir e combinar dados para elucidar o processo histórico e de mercadorização da prática da Natação em Curitiba. Deste modo, faremos uma contextualização dos diversos dados existentes buscando solucionar as dúvidas que existem e outras que ainda surgirão.

1.3 OBJETIVOS

Elucidar de que forma ocorreu a passagem da Natação vista sob o aspecto esportivo para a Natação como atividade corporal que visa benefícios corporais e mentais e que caracteriza-se como um bem de consumo dentro da sociedade curitibana.

Investigar e analisar a historiografia da Natação em Curitiba.

Entender os conceitos envolvidos no processo de evolução histórica e suas possíveis inter-relações. Entre os conceitos estão:

- esporte;
- atividade corporal;
- mercadoria;
- ideologia.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para que haja um melhor entendimento e para que seja possível o aprofundamento acerca das questões envolvidas no processo historiográfico que esta pesquisa se propôs abordar é necessário um estudo que envolva, a princípio, a busca dos conceitos de atividade corporal e esporte.

A atividade corporal tem ocupado, neste final de século, um lugar de destaque no contexto social. “Comprovamos essa assertiva quando deparamos, por exemplo, com a grande quantidade de opções que comercializam o corpo” (MOREIRA. 1995, p. 117).

Questões relacionadas com a visão de um corpo perfeito e saudável estão sendo cada vez mais evidenciadas e, neste sentido, a atividade ou prática corporal ganha espaço. O corpo passa a funcionar como se fosse um “camelô às avessas”, pois este tem uma variedade de produtos para vender, enquanto o corpo tem diferentes tipos de produtos para adquirir e consumir (MOREIRA. 1995, p.118).

Desta forma, a atividade corporal passa a ser uma mercadoria rentável, oferecendo para aqueles que a procuram um variado “cardápio de opções”, incluindo a possibilidade de entregar-se ao modelo de corpo estabelecido socialmente.

Com relação ao esporte, pode-se dizer que ele constituiu um dos fenômenos mais destacados do final deste século. Nos últimos anos, este fenômeno passou a ter uma notável relevância social devido a sua ampliação conceitual, pois anteriormente o esporte era perspectivado unicamente no fator rendimento. Essa

ampliação criou importantes questões sociais, além de mostrar as potencialidades e os efeitos negativos do esporte no contexto social atual.

Tendo como premissa que o esporte situou-se na segunda metade do século XX como um dos mais relevantes fenômenos sociais do mundo, pela abrangência do seu envolvimento e de suas relações, é possível explicar-se esta interpretação, principalmente pela mudança conceitual ocorrida nas últimas décadas, quando deixou de perspectivar-se apenas no rendimento, e conseguiu também incorporar os sentidos educativos e o do bem estar social. Hoje, sabe-se que o fato esportivo possui uma abrangência muito maior, o que lhe permite encontrar significados sociais mais efetivos (TUBINO, 1992, p. 7).

De acordo com TUBINO (1992), o esporte, após a sua revolução conceitual, passou a atender três dimensões sociais: o esporte educação, o esporte popular e o esporte de rendimento. Segundo o autor, essas dimensões compreendem uma série de situações específicas, ou seja, o esporte, encarado como uma instituição social, não deve ser analisado fora de suas dimensões sociais, pois isso significaria uma via reducionista do fenômeno.

Partindo dessa afirmativa, TUBINO (1992) procura aprofundar as definições das dimensões sociais do esporte. O esporte educação, de acordo com a abordagem do autor, pode ser um dos meios mais efetivos de formação dos jovens caso possua um conteúdo fundamentalmente educativo. Além disso, a prática esportiva como meio de educação social será indispensável no desenvolvimento de sua personalidade e imponderável nos seus processos de emancipação e cidadania. Com relação ao esporte popular, pode-se dizer que é a dimensão social do esporte voltada ao prazer lúdico, tendo como finalidade o bem estar social de seus praticantes. E, finalmente, o esporte rendimento, que caracteriza-se como um fenômeno socialmente importante pelos efeitos que exerce sobre a sociedade.

Ao exigir uma organização complexa e investimentos, o esporte performance ou de rendimento, cada vez mais, passa a ser uma responsabilidade de iniciativa privada. Traz consigo os propósitos de novos êxitos esportivos, a vitória sobre adversários nos mesmos códigos, e é exercido sob regras preestabelecidas pelos organismos internacionais de cada modalidade. Há uma tendência natural para que seja praticado pelos chamados talentos esportivos, o que o impede de ser considerado uma manifestação comprometida com os preceitos democráticos. É também a dimensão social que propicia os espetáculos esportivos, onde uma série de possibilidades sociais positivas e negativas pode acontecer (TUBINO, 1992, p. 36).

Portanto, a questão chave é que o esporte representa um fenômeno social que atingiu níveis de desenvolvimento bastante intrigantes e complexos dentro do contexto social.

GIOVANNI (1995) procura entender os fenômenos relativos às práticas sociais e ao esporte, à luz das teorias relativas à expansão do consumo nas sociedades contemporâneas. O autor considera estes fenômenos como traços importantes da cultura, pois têm sido submetidos a um intenso processo de mercantilização. Sobre estas questões surge uma pergunta fundamental: como e porque as práticas corporais se mercantilizaram? Ou seja, como adentram no universo do consumismo, constituindo um setor de produção de bens e serviços, bem como um importante campo de consumo?

Nos últimos decênios, nas sociedades modernas, tem ocorrido um intenso processo de associação entre o esporte e a atividade econômica. Não se trata apenas do aporte de um crescente volume de investimentos na atividade esportiva, tal como a constituição de clubes-empresas, patrocínios milionários para algumas modalidades esportivas, programação de

espetáculos de massa, visualização do campo de investimento econômico, o esporte, pensado como atividade física, em sentido lato, tem invadido a vida do homem comum, proporcionando-lhe novas pautas de conduta nas quais o corpo tem um lugar central, na medida em que está associado a valores emergentes tais como “o natural”, a saúde, a beleza física, o desempenho e, fundamentalmente, um certo tipo de competição que não é tipicamente “esportiva”, mas que se infiltra em praticamente todos os campos da atividade coletiva (GIOVANNI, 1995, p. 16).

Em suma, é inegável o fato de que nas duas últimas décadas o esporte e a atividade física, de um modo geral, têm se constituído um vasto e crescente campo de investimento econômico. De acordo com GIOVANNI (1995), essa transformação, sem dúvidas, é derivada de uma nova forma de valorização do esporte e da atividade corporal, onde o movimento é transformado em um objeto vendável e gerador de lucro, que se associa à constituição de um novo mercado. E, como demonstra GEBARA (1995), não que esse mercado deixasse de existir anteriormente, porém tudo indica que entramos em uma etapa qualitativa e quantitativamente diferenciada das anteriores. Esta é uma etapa onde se instaura um novo modelo de utilização do tempo livre. De acordo com SILVA (1985), tempo livre é o espaço de tempo no qual estamos livres da necessidade de trabalho ou repouso. Neste espaço, podemos fazer muito ou até mesmo nada.

BOURDIEU (1983) preconiza uma perspectiva relacionada à abordagem do esporte moderno. Segundo ele, o esporte moderno, a nível das práticas e dos consumos “são uma oferta destinada a encontrar uma certa demanda social”. Assim, as relações existentes entre a oferta (novos esportes e equipamentos, por exemplo) e a demanda (dada pelas transformações dos estilos de vida) explicariam as transformações sofridas pelas práticas e consumos esportivos.

Com relação ao que foi citado, percebe-se que o esporte e a atividade corporal enquanto fenômeno economicamente crescente acaba criando um determinado campo esportivo, ou seja, um mercado que é comandado por dois fatores básicos: a oferta e a demanda. BOURDIEU (1983) aponta que, sem violentar demais a realidade, pode-se considerar o conjunto das práticas e dos consumos esportivos oferecidos aos agentes sociais como uma oferta que irá atender à demanda social existente.

Este quadro traz a possibilidade de estabelecer alguns pressupostos, dentre eles o fato de que os fenômenos relativos ao consumo ganham espaço em virtude de um novo e abrangente conjunto de valores sociais. Portanto, é nitidamente compreensível a transformação da atividade corporal e do esporte em mercadoria se visualizarmos, sob a mesma ótica, a questão dos valores sociais. A atividade corporal, atualmente, nada mais é do que uma oferta que irá atender à demanda social.

Tendo como meta analisar o movimento, ou seja, a atividade corporal transformada em objeto vendável é preciso que se estabeleça a compreensão de determinados aspectos ligados à sociedade capitalista.

De acordo com MARX (1982), os homens procuram os bens dos quais têm necessidade para viver. Nos estados capitalistas modernos, os homens procuram esses bens unicamente pela compra e venda de mercadorias. “A mercadoria é de início um objeto externo, uma coisa que satisfaz para seus proprietários uma necessidade humana qualquer” (MARX.1982, p.24).

Na sua análise de mercadoria, que representa o elemento básico da economia capitalista, Marx comenta sobre o duplo caráter do trabalho nela materializado. Enquanto objeto dotado de valor de uso, a mercadoria é o produto do trabalho concreto. Isto significa que no processo de trabalho, ou seja, o processo que busca a produção de bens que satisfazem necessidades, de valores de uso, o trabalho é considerado sob seu aspecto qualitativo. Na medida em que é produzida para a troca, a mercadoria é produto de trabalho abstrato e, neste caso, leva-se em conta o seu aspecto quantitativo.

Toda a coisa útil, tal como o ferro, o papel etc., deve ser considerada sob um duplo aspecto: a qualidade e a quantidade. Cada uma é um conjunto de qualidades numerosas e pode ser útil às mais diversas finalidades. É a utilidade de uma coisa que lhe dá um valor de uso. Mas essa utilidade não surge no ar. É determinada pelas propriedades físicas da mercadoria e não existe sem isso. A mercadoria em si, tal como o ferro, o trigo, o diamante etc., é, pois, um valor de uso, um bem (MARX, 1982, p.24).

No entanto, temos que pensar no seguinte detalhe: determinado bem pode ser um valor de uso sem ser no entanto um valor. MARX (1982) relata que isto acontece quando a sua utilidade é acessível ao homem sem exigir trabalho, como por exemplo o ar e o solo. Além disso, um bem pode ser útil, e ser produto do trabalho humano, sem ser uma mercadoria: um homem que, com seu produto, satisfaz suas necessidades pessoais produz um valor de uso, mas não uma mercadoria. “Para produzir mercadorias é preciso que não se produzam apenas simples valores de uso, mas valores de uso para outrem, valores de uso sociais.

Enfim, nada pode ter valor sem ser objeto de uso. Se é inútil, o trabalho contido é igualmente inútil, não conta como trabalho e não gera absolutamente nenhum valor” (MARX. 1982, p.28).

Numa sociedade marcada pelo processo de mercantilização, que tipo de valores controlam e encaminham as relações no ambiente social? A resposta exige uma análise do que vem a ser ideologia. GHIRALDELLI (1993) tenta diferenciar o conceito de ideologia de Engels e Gramsci. Em Engels ideologia é praticamente tomada como sinônimo de idealismo, de formulações feitas a partir de uma “falsa consciência” que não se apercebe dos condicionantes materiais e sociais que, “em última instância”, determinam as possibilidades das transformações superestruturais e determinam as possibilidades da história. Em Gramsci, “a primeira acepção de ideologia é a de conjunto superestrutural (dimensão ontológica); a segunda acepção de ideologia é a de guia e motivação para a ação (dimensão axiológica-normativa); a terceira acepção de ideologia é a de campo no qual os homens tomam consciência das contradições da base material e de toda a realidade (dimensão cognitiva ou gnosiológica)” (GHIRALDELLI. 1993, p.75).

A dimensão ontológica da ideologia é revelada por Gramsci no instante em que ele a transforma em sinônimo de conjunto superestrutural dominante num período histórico, isto é, uma visão de mundo que amarra formas determinadas de pensamentos e ações às necessidades de produção de determinada época. Com relação à dimensão axiológica-normativa da ideologia citada por GHIRALDELLI (1993), pode-se dizer que ela se manifesta quando existe a presença de um guia de ação inspirado na visão de mundo que possui determinações inquestionáveis. Por

exemplo: uma concepção de mundo que virou “fé” e que conduz as pessoas nos momentos de pequenas ou grandes decisões no dia-a-dia. E, finalmente, a dimensão cognitiva da ideologia se manifesta, na visão de Gramsci, no sentido de que os homens se sentem pertencentes a determinados grupos e se identificam com interesses coletivos, lutam e agem politicamente.

3 METODOLOGIA

A presente monografia apresenta-se com o objetivo de conhecer, compreender e discutir a evolução histórica da Natação em Curitiba e o processo de transformação desta modalidade em objeto ou bem de consumo. Para tanto, inicialmente, realizou-se um resgate através de entrevistas com os pioneiros desta prática na cidade.

Mais do que outros instrumentos de pesquisa, que em geral estabelecem uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado, como na observação unidirecional, por exemplo, ou na aplicação de questionários ou de técnicas projetivas, na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde (LUDKE, 1986, p. 33).

De acordo com as características apresentadas, o tipo de entrevista utilizada foi, segundo LUDKE (1986), a entrevista não estruturada. Neste caso, podemos descrevê-la como um método onde existe a possibilidade de fazer correções, esclarecimentos e adaptações, permitindo que a obtenção de informações aconteça de maneira eficaz. Além disso, a entrevista não estruturada possui uma certa liberdade de percurso, o que a torna um instrumento mais flexível se comparada à aplicação de um questionário, por exemplo, onde o pesquisado tem que seguir de perto o roteiro de perguntas.

A realização das entrevistas visou recuperar e construir um conhecimento através de fontes históricas vivas, que nada mais são que relatos de memórias existentes marcados por uma riqueza de detalhes que não poderiam ser

encontrados de outro modo. Este conhecimento será recuperado especificamente pela história oral, que passou a ocupar um lugar de destaque no que diz respeito à historiografia contemporânea.

História oral é o conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados, que devem em primeiro lugar voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY, 1996, p.15).

A história, neste sentido, não irá retratar apenas os acontecimentos mais significativos, mas também como eles são lembrados na imaginação das pessoas entrevistadas. Portanto, ela irá contar não apenas o que as pessoas fizeram, mas também o que elas pretendiam fazer e o que pensam ter feito. “É preciso ir além para escaparmos daquilo que muitos diriam que é o óbvio. É preciso fazer perguntas. É preciso fazer história levantando hipóteses e formulando, sem medo, heurísticas” (GHIRALDELLI, 1993, p.16).

Conjuntamente ao estudo historiográfico, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, tendo como meta recuperar e analisar conceitos como esporte, atividade corporal, mercadoria, ideologia e outros relacionados ao processo de análise historiográfica da Natação em Curitiba. Houve esta preocupação no sentido intencional de decompor o todo, ou seja, investigar e compreender que relações estes conceitos estabelecem com o fenômeno historiográfico que nos propusemos a estudar; uma vez que KOSIK (1976) aponta que a característica precípua do conhecimento consiste na decomposição do todo.

O conhecimento se realiza como separação de fenômeno e essência, do que é secundário e do que é essencial, já que só através dessa separação se pode mostrar a sua coerência interna, e com isso, o caráter específico da coisa. Neste processo, o secundário não é deixado de lado como irreal ou menos real, mas revela seu caráter fenomênico ou secundário mediante a demonstração de sua verdade na essência da coisa. Esta decomposição do todo, que é elemento constitutivo do conhecimento filosófico - com efeito, sem decomposição não há conhecimento - demonstra uma estrutura análoga à do agir humano: também a ação se baseia na decomposição do todo (KOSIK, 1976, p.14).

Segundo FERRARI (1982), a pesquisa bibliográfica constitui um dos caminhos para a obtenção de dados, tendo como finalidade conhecer as contribuições científicas que se efetuaram sobre determinado assunto. Aprofundando-se no assunto, o autor cita as diversas fases da pesquisa bibliográfica: identificação (fase de seleção da literatura que interessa à pesquisa), localização e obtenção (localizar a obra de interesse e emprestá-la nas bibliotecas ou utilizar-se de um sistema de reprodução, como o xerox, por exemplo), fichamento, arquivamento e, finalmente, a redação do trabalho.

Quanto às idéias que devem orientar uma pesquisa bibliográfica, TRIVIÑOS (1987) relata que se o pesquisador inicia a busca bibliográfica orientado pelos conceitos básicos de uma teoria que servirá para compreender, explicar e dar significado aos fatos que estudará, seu caminho será relativamente traçado. Além disso, a revisão de literatura lhe permitirá familiarizar-se, em profundidade, com o assunto que lhe interessa.

Assim sendo, a revisão de literatura construiu um referencial teórico que ofereceu subsídios para uma posterior análise e inter-relação dos mesmos com as entrevistas orais, propiciando o entendimento das questões iniciais apresentadas anteriormente no problema. Esta análise e inter-relação é definida e delineada por

KOSIK (1976) no momento em que ele comenta a respeito do método da investigação e do método da exposição.

Como se sabe, Marx distinguia entre o método da investigação e o método da exposição. Apesar disso, passa-se por cima do método da investigação como sobre qualquer coisa já conhecida; e equipara-se o método de exposição à forma de apresentação, não se percebendo, por conseguinte, que ele é o método de explicitação, graças ao qual o fenômeno se torna transparente (KOSIK, 1976, p. 30-31).

KOSIK (1976) aponta que o método da investigação compreende três graus: primeiramente, a minuciosa apropriação da matéria, o pleno domínio do material (nele incluídos todos os detalhes históricos aplicáveis e disponíveis); em segundo, a análise de cada forma de desenvolvimento do próprio material; e finalmente em terceiro, a investigação da coerência interna.

Quanto à exposição, “aquilo de onde a ciência inicia a própria exposição já é resultado de uma investigação e de uma apropriação crítico científica da matéria. O início da exposição já é um início mediato, que contém em embrião a estrutura de toda a obra” (KOSIK. 1976, p.31).

Desta forma, o método de exposição é o momento da explicitação do fenômeno, tornando-o transparente, racional e compreensível.

4 DISCUSSÃO

As informações apresentadas a seguir foram originadas pelas entrevistas orais realizadas com os professores Célio C. Amaral e Carlos Fernandez. De acordo com o que foi transmitido por eles, compreende-se que até a década de 60 a Natação estava presente em apenas alguns clubes de Curitiba. Entre eles o Clube Curitibano, Clube Ferroviário (atual Paraná Clube), Clube Duque de Caxias, Sociedade Thalia e Clube Água Verde (atual Paraná Clube, sede da Av. Kennedy). Eram clubes que possuíam piscinas ao ar livre, exceto a da Sociedade Thalia, que era coberta. Quanto à Natação praticada nesta época, o aspecto competitivo era bastante enfatizado.

No final dos anos 60, o Círculo Militar do Paraná incluiu-se na relação de clubes que praticavam a modalidade. Entre os praticantes estavam Richard Pasquale, João Kioshi Otuki, Paulo Maculan e outros. Ainda na década de 60, mais especificamente em 1967, foi criada a Federação de Desportos Aquáticos do Paraná (F. D. A. P.), que teve como presidente o professor Germano Bayer. Nesta época, no Clube Curitibano e no Clube Água Verde, a Natação passou a ser ensinada, logicamente com um caráter competitivo acentuado e com métodos de ensino diferentes dos que são conhecidos atualmente. Com relação aos nomes das pessoas atuantes podemos citar: Paulo A. F. Falcão e Berek Krieger, técnico e dirigente do Clube Água Verde, respectivamente; e o Dr. Dirceu Rodrigues, dirigente do Clube Curitibano.

No caso do Clube Água Verde, houve um aumento gradativo do número de alunos / atletas, ao ponto de causar uma série de reclamações vindas dos sócios, que tinham que ceder espaço (piscinas) frequentemente aos nadadores. Sendo assim, Berek Krieger resolveu levá-los para o Centro Israelita do Paraná.

Já em 1970, o professor Eraldo M. Graelm, após ter sido nadador (início dos anos 60) e ter passado pela Escola de Educação Física (1968 /1969), foi atuar no Colégio Estadual do Paraná. Lá ele criou um sistema de faixas bastante interessante que fazia com que os alunos progredissem neste sistema conforme as melhoras que apresentavam. O fato de se ensinar a Natação até então era devido ao interesse de veicular a finalidade utilitária da Natação e também formar possíveis atletas.

Nessa época, os profissionais que atuavam na área da Educação Física precisavam ser absolutamente idealistas, pois o retorno financeiro era relativamente baixo. Muitos, entre eles o professor Célio C. Amaral, trabalhavam em diversos lugares para conseguir um salário melhor. Dessa forma, ele acreditava que se tivesse a sua própria escola de Natação iria conseguir condições mais dignas de trabalho, além de superar uma série de dificuldades que enfrentava como professor. A partir de 1972 ele começou a pensar constantemente nessa possibilidade.

Em 1973, Célio C. Amaral passou a treinar uma equipe de Natação na Escola Técnica. Esta equipe participava, inclusive, de competições oficiais e estava ligada à F. D. A. P. Porém, o professor Amaral tinha em mente a definição de objetivos e finalidades diferentes para a Natação: utilitária e visando o lazer e a manutenção da saúde. Desde 1970, quando era professor da antiga Escola de Educação Física, ele

tinha a idéia da educação pela Natação, pois acreditava que esta modalidade não assumia apenas um caráter desportivo. Para ele, a Natação era entendida como uma atividade meio de educação, uma vez que é parte do contexto da Educação Física e, conseqüentemente, do processo educativo.

Apesar disso, a Natação até então era considerada por muitos como um esporte competitivo, orientado por treinadores de clubes que muitas vezes não tinham uma formação profissional adequada e acabavam por exigir demais principalmente das crianças. Ainda em 1973, chegou à Curitiba um argentino, o professor Carlos Fernandez. Ele veio com uma bagagem de conhecimentos adquiridos numa pós-graduação feita em Colônia, na Alemanha, para trabalhar como técnico auxiliar do Centro Israelita do Paraná.

Em 1975 foi criado o Clube do Golfinho, saído do grupo de nadadores do Centro Israelita do Paraná. É interessante ressaltar que o Clube do Golfinho já existia dentro do Centro Israelita; ele nada mais era do que um grupo formado pelos atletas e pais de atletas e que tinha como principal objetivo arrecadar fundos para viagens à campeonatos através de rifas, etc. No caso, os atletas deixaram o Centro Israelita pelo fato dos sócios reclamarem do excessivo uso das piscinas pela equipe, principalmente no verão. Por esse motivo, na data de 4 de Dezembro de 1974, eles fundaram um clube que possuía piscinas destinadas ao treinamento dos atletas. Em Julho de 1975 o clube já havia sido erguido.

Nesta passagem é interessante lembrar que o terreno onde foi erguido o Clube do Golfinho foi cedido, na época, pela prefeitura de Curitiba, graças à influência política que algumas pessoas envolvidas (pais de atletas) possuíam. Além

disso, o fato de muitos dos nadadores da época serem filhos de médicos fez com que os pais comprassem os terrenos próximos ao que havia sido cedido pela prefeitura para idealizar a construção do Clube do Golfinho.

Convém relatar que a elite (filhos de médicos) estava amplamente envolvida com a Nataação por uma finalidade bastante compreensível: a saúde.

Já no ano de 1977, o professor Carlos Fernandez, que estava até então no Clube do Golfinho, foi para o Clube Curitibano. Entre os motivos que contribuíram para esse episódio está uma série de desentendimentos entre ele e os pais dos atletas da equipe principal. Esses pais tinham uma excessiva preocupação com o rendimento da equipe e achavam que os melhores professores deveriam atuar nela. Já o professor Carlos Fernandez preferia deixar esses profissionais nas fases de aprendizagem, pois acreditava que o mais importante era fazer o indivíduo (crianças, principalmente) primeiramente gostar da Nataação, para que continuasse praticando essa modalidade sempre e, quem sabe um dia, se tornasse um atleta de alto nível. Após deixar o Golfinho, Carlos Fernandez passou a atuar como técnico da equipe do Clube Curitibano.

Nessa época, Celio C. Amaral e Carlos Fernandez queriam cada vez mais idealizar o sonho de construir suas escolas de Nataação, ou seja, escolas com moldes diferentes dos observados até então e com métodos de ensino baseados em níveis altamente pedagógicos.

Em 1978, Carlos Fernandez consegue atingir seu objetivo com a criação do Centro de Nataação Carlos Fernandez. Para que isso fosse possível, ele precisou vender o apartamento onde morava além de usar o fundo de garantia que havia

recebido com a sua saída do Clube do Golfinho para conseguir comprar o terreno onde pretendia erguer a escola. Para a construção das instalações, pediu ajuda financeira à sogra.

No dia 2 de Dezembro de 1978 foram feitas as avaliações iniciais com os possíveis alunos. Imediatamente dois dias após, a escola entrou em funcionamento, com apenas uma piscina aberta. Eram cerca de 80 alunos no final do mês, e esse número quase cobria os gastos da escola. Cada turma possuía 14 alunos, e o interesse despertado na população foi tanto que para cada vaga havia uma lista de espera de 70 à 85 pessoas. Em Abril de 1979, esta mesma piscina foi coberta.

Diante da imensa procura, Carlos Fernandez percebeu que havia a necessidade de construir novas piscinas. O problema é que não haveria dinheiro suficiente para construir uma piscina grande, além do que o terreno não comportaria tal empreendimento. Dessa forma, ele decidiu construir uma piscina pequena (6x4m), que ficou pronta em Novembro de 1979 e foi coberta em Abril de 1980. Nessa época, a escola estava operando com lotação máxima, o que gerou dinheiro suficiente para comprar o terreno localizado ao lado e também para a construção de uma piscina grande. Em 1981, esta piscina foi coberta, pois inicialmente era ao ar livre. Nessa época, Carlos Fernandez estava afastado das competições de Natação; sua preocupação girava em torno do bem estar das pessoas que frequentavam a sua escola e do fato de proporcionar a oportunidade de alunos adultos aprenderem a nadar.

Célio C. Amaral conseguiu realizar seu projeto de construção da Amaral Escola de Natação em 1979. Um ano mais tarde, surgem também as escolas: Mobi

Dick, Popeye, Aquário, Pratik, Água Viva, Gata Gabola e Netuno. No ano de 1983, as escolas de Natação existentes em Curitiba totalizavam 14, com a criação da Israel, Berek Krieger, Aquacenter, Mobi Dick (centro), Medley, All Sport e Aquática. Nessa época, a mercantilização desta atividade corporal e o lucro gerado por ela já se faziam presentes.

Segundo Carlos Fernandez, após 1983 o surgimento de novas escolas de Natação foi dificultado pela criação do Plano Funaro (1986), que acabou favorecendo uma crise financeira no país o que impossibilitava qualquer investimento dessa natureza.

5 CONCLUSÕES

De acordo com as análises dos dados coletados nas entrevistas e fundamentando-se no referencial teórico, podemos elaborar algumas constatações e considerações no que diz respeito ao processo historiográfico da Natação em Curitiba e da mercadorização desta atividade.

Como pudemos perceber, o esporte e as práticas corporais têm sido submetidas a um intenso processo de mercantilização. Isto ocorreu com a Natação em Curitiba, considerando que ela passou a estabelecer uma estreita relação com a atividade econômica e a constituir um campo de investimento considerável.

O auge deste processo ocorreu na década de 80, uma vez que nesse período foi criado um número bastante elevado e significativo de escolas de Natação na cidade. Este fato pode ser relacionado à questão da oferta e da demanda: para compreender melhor basta analisarmos como exemplo o processo a partir da criação da primeira escola de Natação de Curitiba, o Centro de Natação Carlos Fernandez. Depois de um curto período de funcionamento, havia uma interminável lista de espera para uma vaga dentre as poucas que eram ofertadas. A demanda aumentou já que o interesse despertado na população foi bastante intenso, devido à instauração de uma nova forma de utilização do tempo livre e valorização da natação enquanto atividade corporal. Por esse motivo, havia a necessidade de expandir a escola e, posteriormente, ocorreu o surgimento de outras escolas. Assim, a oferta (novas escolas de Natação) buscava atender à demanda (repentino interesse e procura por parte da população).

Desta forma, a Natação enquanto prática corporal passou a constituir um objeto vendável, um bem de consumo, uma mercadoria. Esta conclusão é possível se estabelecermos uma ligação com os argumentos de Marx a respeito da sociedade capitalista, onde os homens buscam para a compra e venda os bens que têm necessidade para viver. Portanto, considerando-se uma série de valores sociais emergentes, a Natação passou a representar uma necessidade do homem atual e, a partir desse momento, transformou-se em uma mercadoria.

Um dos pressupostos, de acordo com o que podemos constatar no referencial teórico, é que esta transformação da Natação enquanto prática corporal em mercadoria ocorreu em virtude de um novo e abrangente conjunto de valores sociais, onde a atividade corporal passou a representar a possibilidade de entregar-se ao modelo de corpo estabelecido socialmente.

Atualmente, o esporte e a atividade corporal se enquadram na constituição de um mercado econômico que atravessa uma etapa de instauração de um novo modelo de utilização do tempo livre. Portanto, podemos considerar que a Natação passou a representar um bem de consumo, uma vez que é comprada pelos que dela necessitam e vendida pelos proprietários de escolas especializadas.

Precisamos considerar também que esta realidade, ou seja, a transformação da Natação em objeto de consumo, está encoberta por interesses ou ideologias diversificadas. Neste aspecto incluem-se o interesse por parte dos proprietários das escolas no lucro. Sob esse ponto de vista temos uma categorização de ideologia ontológica, pois representa uma visão de mundo que une pensamentos ou ações às necessidades de produção de cada época. Em alguns casos isolados existe a

intenção dos proprietários em proporcionar a oportunidade de aprender a nadar, de lazer e de manutenção da saúde do indivíduo em sua totalidade. De acordo com este prisma, temos uma categorização de ideologia axiológica-normativa, uma vez que

Infelizmente, se formos analisar o quadro de escolas de Natação atualmente, iremos perceber que a grande maioria têm como meta principal exclusivamente o lucro e acabam esquecendo-se de outros fatores que, de acordo com os pressupostos da Educação Física, são fundamentais para o desenvolvimento completo do indivíduo que busca a atividade física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- FERRARI, Alfonso Trujillo. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw Hill do Brasil, 1982.
- GEBARA, Ademir. **Esportes: cem anos de história**. Coletânea do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Curitiba, 1995.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Três estudos em historiografia da educação**. Ibitinga, SP: Editora Humanidades, 1993.
- GIOVANNI, Geraldo Di. **Mercantilização das práticas corporais: o esporte na sociedade de consumo de massa**. Coletânea do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Curitiba, 1995.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alberico Toríbio. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARX, Karl. **O Capital**. Edição resumida por J. Borchardt. Tradução de Ronai do A, Schmidt. 7ª edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.
- MEIHY, José Carlos. **Manual de história oral**. SP: Loyola, 1996.
- MOREIRA, Wagner W. **Corpo pressente**. Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção corpo e motricidade)
- SILVA, Nelson Pithan e. **Recreação**. SP: CIA Brasil Editora, 1985.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências sociais**. SP: Editora Atlas S/A, 1987.
- TUBINO, Manoel José Gomes. **As dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992. (Coleção Polêmicas do nosso tempo; vol.44)